CORREIO
NO MUNDO

REUTERS/FOLHAPRESS

Trump vem tomando decisões pró-Vladimir Putin recentemente

Guinada de Trump e crise na Europa dão gosto de vitória ao Kremlin

A nova guinada de Donald Trump em favor de Vladimir Putin e a crise política na Europa estão alimentando em Moscou um sentimento de vitória estratégica não só sobre a Ucrânia, mas sobre o Ocidente. Segundo a reportagem ouviu de pessoas ligadas ao Kremlin nesta terça (20), a percepção é temperada pelas lições de 2025, quando a volta do republicano à Casa Branca e a mudança de orientação em relação à guerra empolgaram alguns membros do governo. Se Trump é muito mais simpático a Putin do que a Volodimir Zelenski, o fato de que o russo não acelerou o fim do conflito apesar de o americano ter retirado apoio direto a Kiev e tê-lo recebido com pompas no Alasca frustrou Washington. Isso levou ao variável humor do presidente, ora criticando a Rússia e fornecendo material de defesa por meio de um esquema no qual quem paga a conta é a Europa, ora pedindo que Zelenski realize eleições congeladas pela lei marcial.

Rússia tem visto a "maré mudar" na guerra

De duas semanas para cá, contudo, o pêndulo voltou de forma notável para o lado russo. Preocupado com o dano que a inflação de combustíveis iniciada por sua própria guerra no Irã fará ao Partido Republicano nas eleições de 3 de novembro, Trump procurou Putin. Fechou um acordo de compra de diesel e suspendeu um pacote de sanções duras no setor energético, para horror da Europa. Passou a criticar abertamente Zelenski e pedir sua renúncia, além de alterar o apoio militar crucial que ainda dá aos ucranianos.

SERVIÇO PRESIDENCIAL DE IMPRENS DA UCRÂNIA

Ucrânia vem perdendo força junto aos EUA no cenário da guerra

Ucrânia começa a ficar desconfortável com Trump

Desde a semana passada, há tanto apagões no envio de alertas antecipados de lançamentos balísticos russos para Kiev quanto falhas na cobertura do sistema de comunicação militar Starshield, o Starlink dos fardados, controlado pelos EUA, gerando muita dor de cabeça no país.
A isso se somou, na segunda (19), a acusação de que os mísseis de interceptação para sistemas americanos Patriot, comprados por meio do sistema de aquisições europeu, não estão chegando a Kiev.

Negociações continuam à distância

Nesta terça, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, confirmou que as armas "talvez não tenham sido enviadas", mas descartou ação política deliberada. Ele falou ao telefone com Zelenski, que foi a Oslo conversar com com o negociador Steve Witkoff. O ucraniano disse que os alertas de lançamento foram restabelecidos, mas voltou a se queixar. Questionado se a Ucrânia estava "perdendo a guerra", disse: "Estamos perdendo tempo".

Reunião tripartite

O Kremlin sorriu. Seu porta-voz, Dmitri Peskov, diz que a Rússia espera "informações detalhadas" acerca das conversas, e Witkoff irá a Moscou nesta quarta (21). Mas o clima é de indisfarçável satisfação, ainda mais com a crescente possibilidade de um encontro tripartite entre Vladimir Putin, Trump e o líder chinês Xi Jinping.

Kiev ficou de fora

A reunião pode ocorrer às margens de um evento do clube de países da Ásia-Pacífico, no mês que vem na China. Peskov também falou da renovada cooperação entre EUA e Rússia, e pediu avanços no tema do controle de armas nucleares, algo jogado no lixo por Trump. Já Zelenski reclamou de que ninguém poderia de falar sobre Ucrânia sem Kiev presente.

Zelenski insatisfeito

Essa normalização político-econômica equivale a pedir a rendição da Ucrânia, diz Zelenski. Ele tem apoio dos membros europeus da aliança militar Otan, mas, na prática, eles não têm como suprir os recursos militares americanos sem que Washington queira.

O clube militar, neste momento, parece fazer o que pode.

Mar Báltico

Nesta terça, anunciou o envio de mais aviões de patrulha e drones para a região do mar Negro, onde uma onda de ataques atribuídos a Moscou atingiu ao menos seis navios comerciais desde a semana passada. Tal reforço deu certo para evitar incidentes com cabos submarinos no mar Báltico, mas agora trata-se de uma zona de guerra.

Protestos

Os megaprotestos de viés esquerdista na França, que já se espalham por países como a Itália, têm em sua raiz questões econômicas decorrentes entre outras coisas do alto preço da energia sem o gás e o petróleo baratos que a Rússia fornecia antes das sanções de 2022, após invadir o país vizinho, iniciando a guerra.

Populismo aliado

A mídia estatal russa martela o tema em noticiários. O negociador de Putin Kirill Dmitriev escreveu no X sobre "a queda suicida da Europa" e, antecipando o que disse depois Trump, culpou as políticas de imigração pela crise, alinhado ao populismo americano e continental.

Por Igor Gielow (Folhapress)

WANDERINGTRAD VIA WIKIMEDIA COMMONS

Dificuldades militares do Reino Unido chamam a atenção mundo afora

Reino Unido envia caças para ajudar a Arábia Saudita

Por **Igor Gielow (Folhapress)**

O Reino Unido anunciou nesta terça-feira (20) que irá enviar caças Eurofighter Typhoon para ajudar a proteger as cidades e a infraestrutura energética da Arábia Saudita contra ataques aéreos dos rebeldes houthis do Iêmen.

É o segundo país europeu a oferecer ajuda ao reino, que desde o começo do mês começou a receber soldados e baterias antiaéreas francesas para defender o terminal petrolífero de Yanbu, no mar Vermelho, principal saída do óleo saudita desde que a guerra dos Estados Unidos contra o Irã travou o estreito de Hormuz.

"O bombardeio do aeroporto de Riad [em que morreram 12 pessoas e 309 ficaram feridas] em particular mostra até onde os houthis estão dispostos a escalar", afirmou o ministro da Defesa, Wes Streeting, em nota.

Ele disse que os Typhoon só conduzirão missões defensivas, e não atacarão posições dos rebeldes apoiados pelo Irã. Não foi revelado quantos caças serão enviados. Já operam no país árabe um avião de transporte A-400M e um modelo de reabastecimento aéreo.

O Paquistão, que já tinha 8 mil soldados e um esquadrão de caças JF-17 no reino por meio de um acordo do ano passado, também vai enviar reforços não detalhados, agora dentro do pacto militar firmado com Riad e Ancara em agosto.

O chamado Acordo de Meca, que está sendo analisado pelo Parlamento turco, prevê a assistência mútua em caso de agressão. A Turquia já disse que dará apoio de defesa aos sauditas, mas descartou o envio de forças ofensivas.

A posição militar frágil do reino chama a atenção, que possui segundo análise do britânico IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, na sigla inglesa) as forças mais bem equipadas da região. Além disso, Riad ocupa o sétimo lugar tanto no ranking de gasto nominal com defesa em 2025, US$ 72,5 bilhões, quanto no de dispêndio proporcional ao PIB, 5,7%.

Um dos pontos é que esse poderio bélico é destinado principalmente a combates entre Estados, mais tradicionais, e os houthis têm sua força num grande arsenal de mísseis e drones —na guerra civil que travam contra o governo iemenita apoiado pela Arábia Saudita, seus recursos são menos chamativos.

Além disso, há uma avaliação entre analistas militares que, apesar de contar com 449 aviões de combate, inclusive 71 Typhoon de fabricação europeia e 217 F-15 americanos, há falta de experiência e falha de treinamento do reino — que foi alvejado várias vezes neste ano pelo Irã, em retaliação pelos ataques de seu aliado Trump, e não revidou.

Mesmo no Iêmen, onde a guerra foi retomada em julho dentro do contexto maior do conflito na região, os sauditas têm usado seu amplo poderio aéreo com efeitos discutíveis.